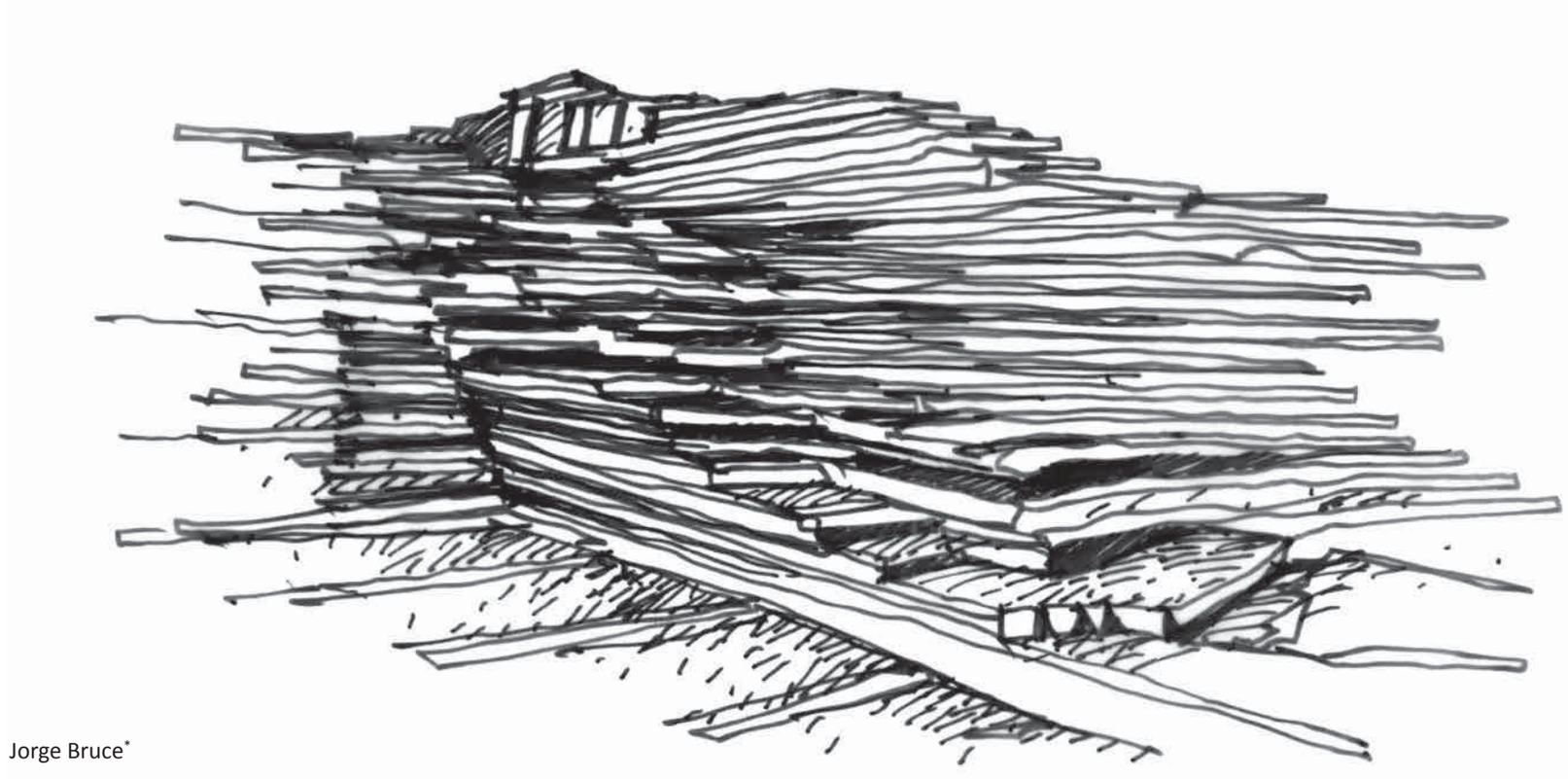


Jorge Bruce*

Lima: uma cidade dissimulada

Poucas cidades da América Latina merecem a denominação de cidade invisível tanto quanto Lima. Talvez a Cidade do México seja nossa irmã. As ruínas do que foi o senhorio de Pachacamac encontram-se espalhadas por toda a urbe, mas frequentemente acontece que ninguém (bom, quase ninguém) as vê. São as *huacas*. Esses restos arqueológicos foram ignorados pela imensa maioria dos habitantes da cidade durante centúrias. Eu mesmo andei de bicicleta em uma *huaca* próxima da minha escola, a belíssima Huallamarca, como se percorresse um circuito abandonado para entretenimento dos adolescentes do bairro, sem saber que essa pirâmide tão ideal para nossas manobras arriscadas de ciclistas imprudentes vinha da mesma época das origens da cristandade e que havia sido, sucessivamente, templo –na era dos *huallas*–, cemitério e, com os incas, aldeia.

Sinal dos tempos: a mais conhecida das *huacas*, que atravessa a cidade como um fio secreto de algum quipu inca, é a Huaca Pucllana. Ela se encontra magnificamente conservada e preservada no elegante distrito de Miraflores (onde moro e trabalho, como muitos outros psicanalistas), graças a um convênio com um restaurante de alto nível, muito conhecido na cidade. Em outras palavras, a *huaca* que se conhece é, na verdade, o restaurante instalado no interior do recinto rodeado por muros, graças ao impulso da pujante gastronomia peruana. No entanto, seria injusto ignorar que, graças a esse convênio com o setor privado, o lugar recebe numerosos visitantes e é estudado arqueologicamente com os recursos provenientes do acordo.

Essas *huacas*, que fazem as vezes de alucinações negativas ou talvez desmentidos (há anos debatemos essa sintomatologia social com meu professor e amigo Max Hernández: ele se inclina pela segunda opção, eu, pela primeira), constituem uma metáfora das muitas invisibilidades que se inserem no núcleo do pacto social da nossa cidade capital. Ao ser a sociedade peruana poderosamente centralista (não à toa temos uma só sociedade psicanalítica, cuja sede se encontra a poucos quarteirões da mencionada *huaca*), o que acontece em Lima repercute com força em todo o país.

Herman Melville viveu em Lima de 8 de dezembro de 1843 a 3 de janeiro de 1844. No capítulo 43 de *Moby Dick*, descreveu Lima com estas palavras desanimadoras e belas:

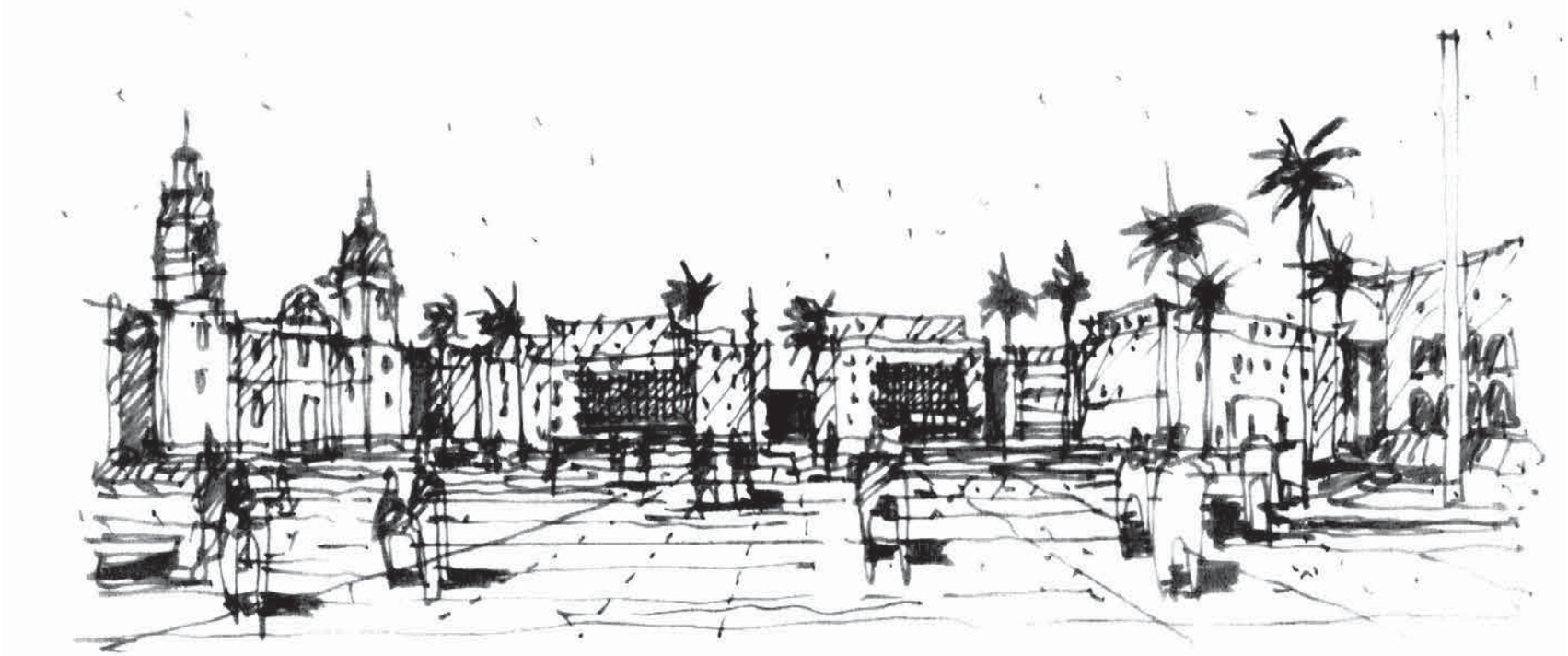
> Tampouco é, unicamente, a recordação de seus terremotos, destruidores de catedrais; nem o estampido de seus mares frenéticos; nem a secura de seus áridos céus que nunca chovem, nem a visão de seu vasto campo de torres inclinadas, cúpulas alquebradas e torres derrubadas (como as vergas inclinadas das frotas ancoradas); nem suas avenidas suburbanas onde as paredes das casas se empilham umas sobre as outras, como um baralho em desordem –não são essas coisas isoladamente que fazem de Lima, cidade sem lágrimas, a mais estranha e triste que tu poderias ver. Pois que Lima vestiu o véu branco; e existe um horror supremo na brancura de sua desgraça. Antiga como Pizarro, essa brancura mantém suas ruínas sempre novas; não admite o verdor alegre da ruína completa; espalha por toda sua fortificação destruída a palidez rígida de uma apoplexia que corrige suas próprias distorções.[1] (Melville, 1851/1999).

Lima vestiu o véu branco, relata Melville, e existe um horror supremo na brancura de sua desgraça. E, mesmo quando o escritor de Nova York remonta a velha capital do vice-reino à sua fundação por Francisco Pizarro, em suas alusões a essa brancura que mantém sempre novas suas ruínas, sua fortificação destruída e sua apoplexia, creio distinguir o olhar penetrante do escritor que ultrapassa, sem que o saiba, as distorções da ordem colonial.

Sabemos que essa Lima branca e sem lágrimas, impregnada de horror e de frotas ancoradas inclinadas, pode ser lida como uma das tantas imagens da baleia que obceca Ahab ou também, em uma leitura mais prosaica e literal, como a falta de chuva e cores na melancólica capital do Peru. Mas acho que sua intuição poética transcende esses obstáculos e mergulha na degeneração maculada da minha cidade. Assim como Lima viveu durante séculos de costas para o mar e seus penhascos, hoje continua a negar suas origens e sua história. Como se, de fato, tudo tivesse começado em 1535 com a chegada de Pizarro e dos conquistadores.

* Sociedad Peruana de Psicoanálisis.

1. N. T.: Tradução de Hirsch e Barbosa de Souza; Melville, H. (2008). A brancura da baleia. In I. Hirsch & A. Barbosa de Souza (Trads.), *Moby Dick*. São Paulo: Cosac Naify. (Trabalho original publicado em 1851)



O que sim começou com a fundação de Lima no século XVI foi uma ordem hierarquizada que foi se transformando com o passar do tempo, até hoje. Em cada uma das suas variações exigiu diversas combinatórias de mecanismos mentais, tanto no plano social como no individual, engendradas pela produção cultural de indivíduos em cada um desses momentos históricos. Mario Vargas Llosa, no que talvez seja o mais célebre dos seus parágrafos, diz isso no impactante início da sua grande novela *Conversa no Catedral*:

> Da porta do *La Crónica* Santiago olha a avenida Tacna, sem amor: automóveis, edifícios desiguais e desbotados, esqueletos de avisos luminosos flutuando na neblina, o meio-dia cinza. Em que momento o Peru teria estragado? Os vendedores de jornais zanzam entre os veículos detidos pelo semáforo da Wilson, vendendo os jornais da tarde, e ele começa a andar, devagar, rumo à Colmena. As mãos nos bolsos, cabisbaixo, vai escoltado pelos transeuntes que avançam, também, para a praça San Martín. Ele era como o Peru, Zavalita, havia estragado em algum momento. Pensa: qual? (Vargas Llosa, 1969/2004).

Sim: em que momento Zavalita estragou, Lima estragou, o Peru estragou? Essa pergunta é subjacente à proposta deste texto para Cidades Invisíveis de *Calibán*. Minha hipótese, que retoma aquela do meu artigo "Psicoanálisis criollo" (Bruce, 2014), é que a construção da ordem crioula passa pela invisibilização do mundo indígena e pela exaltação da origem estrangeira. E aqui *estrangeiro* significa não somente forasteiro (equatoriano ou boliviano, por exemplo, não entrariam nessa acepção), mas sim especificamente europeu ou norte-americano, ou alguma de suas variações, como canadense ou australiano. Tudo menos índio ou negro.

Em *La urgencia por decir "nosotros"*, o sociólogo peruano Gonzalo Portocarrero expressa isso nestes termos:

> Antes, o crioulo é, com o indígena, como água e óleo. De fato, o crioulo se identifica como uma realidade local que se define a partir da sua origem estrangeira. Então, a reiteração do nome *crioulo* significa a reatualização de um voto: não esquecer e reivindicar a origem forasteira como fundamento da identidade e da autoestima. Ser crioulo implica, pois, um ato de manter distância do indígena, diminuir seu valor e ansiar um branqueamento, uma mimese utópica com o original, o europeu, o paterno. Então a extensão do *criollismo* ao mundo da mestiçagem significa assumir uma vocação etnocida em relação ao indígena. Apesar de redimível, o indígena era avaliado como um ser abjeto que devia ser transformado em crioulo. (Portocarrero, 2015, p. 83).

Isso não implica que o projeto de aculturação tenha tido êxito, tal como testemunha a subsistência das *huacas* em diversos pontos da cidade. Mais propriamente, a partir do começo da presença dos conquistadores espanhóis, os chamados índios responderam à ambição com que eles destruíam esses monumentos com um estratagema. Como as *huacas* da costa –é o caso das de Lima– frequentemente eram usadas como túmulos dos personagens do *ayllu* (comunidade), que eram enterrados com suas joias e riquezas, os espanhóis os desenterravam para tirar o ouro e a prata. Os índios, segundo narra o cronista Antonio de Alcedo (1789), "para deslumbrá-los, na paragem em que havia alguma, faziam outras muitíssimas, iguais, mas vazias, razão pela qual esse modo de enriquecer foi abandonado, no qual alguns se empobreceram ao gastar em escavar *huacas* vazias, mas alguns ficaram ricos".

A resistência ao processo colonizador sempre esteve aí, como continua a estar, mas dissimulada. Essa ambiguidade é uma das principais características do estado de espírito dos limenhos, e percorre a ordem hierárquica como um dos signos da nossa identidade, que subverte essa ordem. É habitual que os limenhos, acostumados a nos comunicar com diminutivos e toda espécie de suavizantes na linguagem, nos sintamos levemente escandalizados com a aspereza dos portenhos ou dos espanhóis de hoje. Nossa característica –e nós, os psicanalistas limenhos, constatamos diariamente em nossos consultórios– é, como dizia o arquiteto e humorista Héctor Velarde, não fechar a porta nem deixá-la aberta. Nós a deixamos "apenas encostada".

Isso costuma irritar os estrangeiros radicados em Lima (inclusive bolivianos e equatorianos, como mencionava antes), porque frequentemente é difícil saber ao certo se a pessoa que oferece, com gentileza, devolver uma ligação realmente o fará. Essa vagueza calculada ("a gente se fala", "nos vemos", "te aviso" etc.) faz parte –sem que a maioria dos limenhos perceba– dessa antiga resistência ao trauma da conquista, como Max Hernández definiu, de forma acertada.

O historiador peruano Pablo Macera, citado por Gonzalo Portocarrero (2015, p. 40), explica isso nestes termos: "O Peru é um país dissimulado, que sempre fez caretas quando seus dominadores davam as costas, fossem eles chavines, waris, incas, espanhóis, gringos, crioulos ou mestiços, convertendo cada cortesia aparente em um insulto".

Os psicanalistas de Lima, em sua grande maioria, instalados nos bairros mais abastados da cidade, como Miraflores, San Isidro, Barranco ou Surco (assim como acontece em todas as cidades latino-americanas que visitei durante as atividades de congressos institucionais), trabalhamos –parafraseando Borges (1989) na *Milonga de Albornoz*– como se não

nos importasse (não nos esqueçamos do lugar fundamental do "como se" na psicanálise). A clínica bem temperada faz as vezes de um parapeito contra essas invasões bárbaras, resultado das migrações do campo à cidade, que não param de desfigurar o rosto da cidade, o que exaspera os crioulos tradicionais.

Esforço inútil. Já estamos na quarta geração de migrantes andinos, que transformaram Lima na cidade peruana com mais habitantes que falam quéchua. Se a palavra *província* vem de *pro vinci*, "onde vivem os vencidos", então eles já estão aqui, para ficar. Lima é, ao mesmo tempo, a capital e a primeira província do Peru. E, gradualmente, estão batendo na porta dos nossos consultórios nos bairros mais distinguidos –no sentido que Pierre Bourdieu dava à "distinção"–, como um ato eminentemente diferenciador das classes dominantes sobre as subalternas. Assim, pacientes dos setores chamados emergentes, cujos avós ou bisavós deixaram os campos agrícolas nos Andes para construir outro destino na capital superpovoada, já tiveram acesso a uma educação superior, a uma cultura urbana mais moderna e sofisticada. Então alguns deles, cada vez mais, sentem a necessidade de recorrer à psicanálise.

Desse modo se perpetua a dissimulação (tal como nossa Constituição proscreve a discriminação e, em particular, o racismo, mas ele é praticado diariamente e em abundância), a dialética da dominação e a resistência. Nós, os psicanalistas, nos encontramos em uma dessas encruzilhadas do labirinto preconizado pelo grego Castoriadis. Podemos continuar a ignorar as *huacas* dissimuladas da nossa pólis?

Desde o primeiro número de *Calibán* de 2012 aparecia a pergunta sobre como isso mudou nossa clínica e se há algo, para nós, de "pólis" em nossas cidades (Labraga, 2012).

Dessa Lima envolta, como as mulheres cobertas da colônia, pelo véu branco que espantava Melville, opto pela teimosa aposta dessa resistência que desejaria menos dissimulada e mais franca. A saber, que se teimamos em impedir que nossa clínica se impregne dessa história enterrada como na iluminadora metáfora arqueológica de Freud, se continuamos escondidos no manto da nossa neutralidade cultural, estamos nos resignando a não olhar para as caretas e as marcas do inconsciente. Os psicanalistas peruanos, queiramos ou não, saibamos ou não, estamos respondendo diariamente às interrogações de Zavalita na avenida Tacna. Só me resta esperar que sua falta de amor seja uma das faces da sua dissimulada ambivalência.

Referências

Alcedo, A. de. (1789). *Diccionario geográfico-histórico de las Indias Occidentales o América* (Vol. 5). Madri: Imprenta de Manuel González.

Borges, J. L. (1989). Milonga de Albornoz. In J. L. Borges, *Obra poética*. Buenos Aires: Emecé.

Bruce, J. (2014). Psicoanálisis criollo. *Calibán*, *12*(1).

Labraga, M. (2012). Ciudades de papel. Pa(i)sajes imaginarios. *Calibán*, *10*(1).

Melville, H. (1999). *Moby Dick o la ballena blanca*. Buenos Aires: Sudamericana. (Trabalho original publicado em 1851)

Portocarrero, G. (2015). *La urgencia por decir "nosotros"*. Lima: Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú.

Vargas Llosa, M. (2004). *Conversación en La Catedral*. Madri: Alfaguara. (Trabalho original publicado em 1969)